



HUMANIZAÇÃO NA HOSPITALIZAÇÃO EM PEDIATRIA: ABORDAGENS LÚDICAS NO PROCESSO DE CUIDADO EM ENFERMAGEM

LUZ, Mariane A. de Carvalho¹

SILVA, Júlia Carolina de Mattos Cerioni²

¹Acadêmica do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

²Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

A hospitalização desencadeia uma série de sensações para a criança, incluindo a angústia, desapontamento, e a ausência do contexto familiar. Durante o internamento o paciente passa a conviver com a dor, o ambiente e pessoas estranhas, podendo assim gerar traumas. Este estudo teve como objetivo analisar maneiras de realizar o processo de enfermagem de forma mais humana, baseando-se na literatura. Constatou-se que o enfermeiro tem contato direto no cuidar, com funções além do tratamento físico como, por exemplo, no auxílio para que medos e sentimentos de desamparo sejam diminuídos durante a estadia no hospital. O profissional deve utilizar como base a humanização, desencadeando atividades lúdicas e com isso, conquistando a simpatia e carisma dos envolvidos, além de contribuir significativamente para a recuperação do enfermo. São úteis quaisquer formas para que isso aconteça, incluindo o uso de brinquedos e fantasias.

Palavras-Chaves: Brinquedoteca, Criança, Cuidar

ABSTRACT

Hospitalization triggers a series of sensations for the child, including the anguish, disappointment, and the absence of the family context. During hospitalization, the patient goes to live with the pain, the environment and strangers, which may generate traumas. This study aimed to examine ways to make the nursing process more humane, based on the literature. It was found that the nurse has direct contact in care, with functions beyond the physical treatment such as in aid to fears and feelings of helplessness are reduced during the hospital stay. Professionals should use based on the humanization, triggering recreational activities and thereby winning the sympathy and charisma of those involved, and contribute significantly to the recovery of the sick. They are useful any ways to make it happen, including the use of toys and costumes.

Key Words: Child, Playroom, Take Care



1. INTRODUÇÃO

O termo criança está relacionado a pouca idade, a infância, muito comumente associado com fragilidade. Para a Organização Mundial da Saúde, o termo se designa aos dez primeiros anos do ser humano. Na área da saúde, há uma especialidade médica para crianças, denominada pediatria, e procedimentos hospitalares não são poupados nessa fase da vida (GAIVA, 1999).

O ambiente hospitalar não traz contentamento, ou satisfação para nenhum ser humano. Cruz (2013), realça a dificuldade da experiência de ser hospitalizada para a criança, embora com a presença dos pais regulamentada por LEI a criança sofre com a ausência da família, amigos, juntamente com o medo e o processo doloroso que um internamento causa. A falta de seus brinquedos, do ambiente de casa, das suas roupas, além da visão de aparelhos, pessoas uniformizadas, causa à criança sensação de desamparo, e de privação do que é realmente ser criança (ESTEVES, 2014).

Assumida oficialmente por intermédio da Política Nacional de Humanização (PNH), a humanização tem o intuito de amenizar tais sensações e proporcionar ao pequeno paciente um acolhimento dentro do contexto hospitalar. Esse é um conceito do qual se refere a maneira do profissional da saúde em agir perante a criança, unindo o formal com informal, o conhecimento técnico com a experiência de vida dos envolvidos (ALVES, 2009).

Humanizar na área da saúde é reestabelecer o respeito à vida, independente de classe social, etnia, cultural, é permitir que o paciente encontre no profissional um amigo, alguém em quem possa confiar, tentar trazer sensações boas com o intuito de combater as que decorrem da hospitalização (CRUZ, 2009).

A imaturidade de uma criança perante sua condição clínica, o sofrimento de estar afastado de seus familiares, o contato com pessoas estranhas e um ambiente diferente do que está acostumada, a falta de brincar, desencadeiam sentimentos de desamparo e medo (ESTEVES, 2014). Diante disso, surge a necessidade da humanização no cuidado, devendo esta englobar o paciente, seus familiares e ser praticada por todos os profissionais envolvidos (CRUZ, 2013).



Brito (2009), apresenta o lúdico como uma forma de terapia, como uma das diretrizes do processo de humanização. O autor se refere à atitude como o ato de brincar, de divertir ressaltando a importância diante do quadro clínico da criança.

Decorrente disso, o presente artigo teve como objetivo a pesquisa sobre a humanização na pediatria, com foco na atuação por meio lúdico do enfermeiro perante a criança e seus envolvidos. Trata-se de uma pequena revisão de literatura, com o objetivo de encontrar formas possíveis para auxiliar o enfermeiro no que se refere em minimizar os danos de procedimentos técnicos, através da ludicidade. O trabalho se baseia em literaturas, abrangendo principalmente artigos sobre o tema, ou relacionado com o mesmo. Foi realizada em seis meses, dando início em Janeiro de 2015. O trabalho deu-se início decorrente da importância e falta de conhecimento sobre o tema, movido pelo interesse pelo mesmo.

2. CONTEÚDO

A enfermagem pode ser vista como um dom, sendo a ciência que interliga cuidar, educar, pesquisar, é a profissão que se baseia na compreensão das leis da vida. Diante disso, o enfermeiro está tecnicamente apto para exercer sua função com uso da humanização (BRITO, 2009; FREITAS, 2013).

Segundo Cruz (2013), o internamento, com o cuidado humano além do técnico, pode apresentar maiores conquistas do que a recuperação propriamente dita. Pode influenciar o controle da criança em situações de estresse, além de proporcionar um contexto de socialização.

No dia a dia da enfermagem, são muitos os fatores que englobam profissionais, pacientes e acompanhantes, e para Alves (2009), a saúde pode ser influenciada por fatores externos, como por exemplo, a relação entre os envolvidos, o diálogo, o “cuidar” com cuidado emocional. A hospitalização pode, mesmo com suas dificuldades, ser uma experiência positiva nos olhos de uma criança, e isso depende amplamente da iniciativa do profissional (CRUZ, 2013).



Como forma de humanização, surge a necessidade de abordagens lúdicas, por exemplo, a possibilidade da criação de um espaço dentro no ambiente hospitalar onde a criança possa encontrar uma maneira de se distrair, receber estímulos para que se desenvolva e que se sinta mais próximo de casa, aproximando o paciente do profissional, ambiente do qual se domina “brinquedoteca” (ESTEVES, 2014).

Porém em alguns casos, a criança não tem permissão médica para se mover até esse local. O enfermeiro tem contato direto com a criança, em qualquer disposição do hospital, e pode usufruir de brincadeiras para amenizar os danos dos procedimentos cabíveis a ele. O profissional pode usar brinquedos como auxílio, sendo este um cuidado lúdico (NICOLA, 2014). Lucon (2008) afirma que essa forma de agir desencadeia alegria, prazer, afeto à criança, e dentro do que estar hospitalizado acarreta, é uma atitude da qual pode significar vitalidade ao pequeno paciente. A partir dessa perspectiva, usar brinquedos vai além de sensações, é uma maneira de aliviar tensões além de propiciar o desenvolvimento físico, mental.

A criança tem uma visão de dor do profissional que lhe “causa” o mesmo. Sua ingenuidade não permite que relacione cada processo doloroso como busca para sua recuperação. O ato de brincar pode fortalecer o vínculo do paciente com o enfermeiro, fazendo que a criança tenha uma percepção de afeto, de cuidado com o profissional, diminuindo a relação do mesmo com sensações desagradáveis (PEDRO, 2007).

Ampliando o papel da enfermagem, Duarte (1987), já designava ao enfermeiro a função da percepção do estresse da criança hospitalizada, e a utilização de meios lúdicos para que o trauma não ocorra, independente de qual meio se use para isso ou em que seção do hospital isso se realize.

Mas a humanização vai além da criança, envolvendo também seus acompanhantes. Faquinello (2007), enfatiza a importância da relação dos pais ou responsáveis no apoio ao pequeno paciente, e nesse contexto, afirma que é indispensável o tratamento humano para com os todos envolvidos na internação.

Em sua pesquisa, o mesmo autor constatou que para os acompanhantes, o tratamento humano abrange a compreensão, o atendimento igualitário, observar o tratamento e receber informações sobre o mesmo, a paciência e generosidade dos



profissionais da saúde. E ainda, o quão importante é a relação do profissional perante a criança, a forma como executa seu trabalho e seu tratamento como pessoa para com o paciente.

As atitudes do enfermeiro pode em alguns momentos, distanciar a agonia e o desespero decorrente do internamento. O cuidado físico com atenção no paciente como ser humano frágil e delicado, como uma criança é vista, traz um sentimento de fuga da realidade, um momento em que a criança recupera o que é esperado: sorrir (FREITAS, 2013).

Em qualquer etapa da vida, se deparar com a doença, com o internamento, e enfrentar todas as sensações que isso desencadeia terá sempre suas complicações. Quando se trata de uma criança, a situação se torna ainda mais preocupante, pois ao ser hospitalizada, é privada do que uma criança esta acostumada, como brincar, suas roupas, seus familiares.

O enfermeiro tem como função o cuidado, não só físico, mas também mental. No contexto hospitalar, cria-se uma convivência entre paciente e profissional, e abordagens lúdicas fortalecem ainda mais essa relação.

Além disso, o auxílio humano traz benefícios ao desenvolvimento da criança, e influencia positivamente a sua recuperação. Atitudes como brincar, demonstrar afeto, compreensão, paciência, afastam a visão e o medo do pequeno paciente de um hospital.

O desenvolvimento pessoal é recíproco. A criança melhora sua adaptação, seus enfrentamentos pessoais, além do que o próprio brinquedo propicia como a alegria, felicidade e a sensação de satisfação. Já o enfermeiro, tendo em vista tudo que engloba a profissão, cria o que é principal na humanização: experiências, cresce no âmbito pessoal, aprende com relatos da vida de cada um dos pacientes, podendo usar isso no seu desenvolvimento profissional.

Embora não exista nos artigos pesquisados, o uso de fantasias ou algo semelhante, diante do que brincar corresponde, o profissional da saúde pode partir desse pressuposto para aguçar sua criatividade, afinal não importa o meio que se use, o importante é o resultado.



Sempre é válido ressaltar que um paciente, antes mesmo de adoecer e depender daqueles cuidados, é um ser humano e precisa ser tratado como tal, com humanização.

3. CONCLUSÃO

O enfermeiro tem em suas mãos além da responsabilidade da qualidade de seu cuidado físico, a função de tornar cada procedimento menos desagradável e com isso, minimizar a imagem do hospital como doloroso perante a criança.

A abordagem lúdica pode consistir no simples acompanhar durante a brincadeira ou no brincar propriamente dito. Porém, brincar pode ser no contexto de uma conversa, durante a medicação ou até mesmo exames. Cada atitude deve ser vista como uma deixa para fazer sorrir, independente de tudo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. A.; DESLANDES, S. F.; MITRE, R. M. A. Desafios da humanização no contexto do cuidado da enfermagem pediátrica de média e alta complexidade. **Interface – Comunic. Saúde Educ.**, [S.l.], v. 13, supl. 1, p. 581-594, 2009.

BRITO, T. R. P.; MOREIRA, D. S.; RESCK, Z. M. R; MARQUES, S. M. M. As práticas lúdicas no cotidiano do cuidar em enfermagem pediátrica. **Esc Anna Nery Rev Enferm.**, [S.l.], v. 13, n. 4, p. 802-808, 2009.

CRUZ, D. S. M.; SILVA, E. C. L.; SILVA, R. C., MEDEIROS, R. A. A.; MONTEIRO, J. P. C.; ARAÚJO, A. S. Humanização da assistência de enfermagem- Relato de caso sobre o uso do brinquedo terapêutico. **Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança**, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 47-53, 2013.

DUARTE, E. R. M.; MULLER, A. M.; BRUNO, S. M.; DUARTE, A. L. S. A utilização do brinquedo na sala de recuperação: Um recurso a mais para assistência de enfermagem à criança. **Rev. Bras. Enf.**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 74-81, jan./fev./mar. 1987.



ESTEVES, C. H.; ANTUNES, C.; CAIRES, S. Humanização em contexto pediátrico: O papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. **Interface – Comunic. Saúde Educ.**, [S.l.], v. 13, 2014.

FAQUINELLO, P.; HIGARASHI, I. H.; MARCON, S. S. O atendimento humanizado em unidade pediátrica: Percepção do acompanhante da criança hospitalizada. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 609-616, out./dez. 2007.

FREITAS, A. F.; ADAMI, F.; ALBUQUERQUE, G. A.; BELEM, J. M.; NUNES, J. F. C. Importância da ludicidade e sua influência na melhoria da saúde do paciente oncológico infantil hospitalizado. **Rev. e-ciência**, [S.l.], v. 1, n. 1, out. 2013.

LUCON, C. B. Jogo, brinquedo e brincadeira na escola hospitalar: as contribuições para crianças hospitalizadas com câncer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 3., 2008, São Carlos. **Anais...** São Carlos: CBEE, 2008.

NICOLA, G. D. O.; ILHA, S.; DIAS, M. V.; FREITAS, H. M. B.; BACKES, D. S.; GOMES, G. C. Percepções do familiar cuidador acerca do cuidado lúdico à criança hospitalizada. **Rev. Enferm. UFPE on line.**, Recife, v. 8, n. 4, p. 981-986, abr. 2014.

PEDRO, I. C. S.; NASCIMENTO, L. C.; POLETI, L. C.; LIMA, R. A. G.; MELLO, D. F.; LUIZ, F. M. R. O brincar em sala de espera de um ambulatório infantil na perspectiva de crianças e seus acompanhantes. **Rev Latino-am Enfermagem**, [S.l.], v. 15, n. 2, mar./abr. 2007.